

O AUTOR

Cláudio Cardoso de Paiva

Professor Doutor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.

imago41@uol.com.br

ÉTICA E ESTÉTICA DA PROGRAMAÇÃO INFANTO-JUVENIL

Experiência de *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* contrasta com a programação convencional pela forma lúdica com que trata as dimensões educativa, dos afetos e da sensibilidade

O espírito das crianças já serviu como objeto de estudo para inúmeros estudiosos: Freud¹, Piaget², Bruno Bettelheim³ devastaram as *dobras da alma* infantil com o pretexto de sondar as formas do desejo, a inteligência e o mundo onírico de meninos e meninas. No campo da literatura, certamente, Lewis Carrow – *Alice no País das Maravilhas* – foi um autor que avançou bastante na arte de encantar as crianças. Astutamente, Gilles Deleuze, o filósofo do século XXI, mostrou como Carrow contribuiu para a abertura de um vasto campo desvendando os *mistérios* da

psiquê pelo viés dos contos infantis⁴. Há uma linha muito tênue entre a pedagogia e o controle dos espíritos, entre a comunicação partilha e a transferência de informação. O nosso objetivo nesse texto é examinar os limites entre essas dimensões que parecem tão próximas e, no entanto, são tão diferentes.

Encontramos nas páginas dos Irmãos Grimm, La Fontaine e Christian Andersen as descrições fabulosas de contos e lendas populares, que funcionam como motores do lúdico e da fantasia infanto-juvenil e, ao mesmo tempo, prescrevem sempre uma moral da história, que serve como

1. FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

2. PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Abril, s.d. Coleção Os Pensadores.

3. BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

4. DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

pedagogia e orientação, mas que não deixa de revelar uma dimensão de assédio. As imagens e textos da obra *Lolita*, na passagem da literatura – Vladimir Nabokov, 1955 – ao cinema – Stanley Kubrick, 1962, e Adrian Lyne, 1997 – traduzem de modo surpreendente a atração despertada pelo mundo das crianças junto ao público adulto.

Abstraindo-nos do *mito da psicanálise*⁵, propomos um outro enfoque das mitologias, passando pelo crivo da ficção televisiva e, de modo mais preciso, colocamos em relevo o imaginário infantil, recuperando as emanções do mito do deus Dionísio.

Interpretar a cultura na perspectiva do mito de Dionísio⁶ é também uma maneira de propor uma contemplação das experiências de passagem, transformação e metamorfose, estimulando a percepção para uma psicologia das profundezas.

De maneira análoga, o mito dionisíaco contém uma dinâmica que nos permite vislumbrar as três idades do homem: a criança divina, o jovem herói e o velho sábio.

Diante das figuras do destino, estas são passagens fundamentais na imaginação simbólica, entre outros motivos porque instigam uma reflexão dos mundos social e cósmico, abrangendo as dimensões do consciente e inconsciente. São imagens arquetípicas que persistem no imaginário coletivo como um meio de orientação, também para a vida adulta. Podemos encontrar a epifanização destas figuras no contexto das imagens, sons e letras que constituem o campo das mídias, seja na literatura, no cinema ou na televisão. Convém ressaltar que por trás dos estereótipos emanam significações ancestrais (arquetípicas) que podem elucidar aspectos importantes da vida cotidiana.

As imagens mitológicas foram estudadas com rigor e objetividade por Jung⁷, M. Eliade⁸ e Bachelard⁹ e mais recentemente, os textos de Gilbert Durand¹⁰ e Michel Maffesoli¹¹ podem contribuir para um exame do repertório das mitologias contemporâneas. Encontramos no diálogo inter-semiótico entre as imagens antigas e recentes um vasto acervo de emblemas, signos e sinais que nos servem de alavanca metodológica para definir o campo de uma antropologia da comunicação. Esta subárea do conhecimento no ramo das humanidades não representa origi-

5. HILLMAN, J. **O mito da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1972.

6. Relembramos os estudos de Pierre Grimal, **Dicionário da mitologia grega e romana**, de 1986. Em língua portuguesa consultar também BRANDÃO, Junito. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 3 v., 1998.

7. JUNG, C.G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Imago, 1964.

8. ELIADE, M. *Le mythe de l'éternel retour*. Archetypes et répétition (O mito do eterno retorno. Arquétipos e representação.) Paris: Gallimard, 1969. _____ . **Mythes, rêves et mystères** (Mitos, sonhos e mistérios.) Paris: Gallimard, 1957. _____ . **Aspects du mythe**. (Aspectos do mito.) Paris: Gallimard, 1963. _____ . **Le sacré et le profane**. (O sagrado e o profano.) Paris: Gallimard, 1957.

9. BACHELARD, G. Vide a vertente poética do filósofo, um estudo dos símbolos apoiado nos quatro elementos da natureza: *A psicanálise do fogo; O ar e as canções; A terra e os devaneios do repouso; A terra e os devaneios da vontade; A água e as canções*.

10. DURAND, G. **Estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

11. MAFFESOLI, M. **À sombra de Dionísio**. Contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

nalidade¹²; entretanto, as novas formas de individualização e de sociabilidade, as relações entre os sujeitos e os sistemas simbólicos na sociedade mediada pelos audiovisuais e novas tecnologias de informação solicitam novos recortes epistemológicos.

ETERNO RETORNO DAS MITOLOGIAS

O espírito das Luzes, ocupado em sua obsessão de esclarecer, deixou à sombra o potencial estético das imagens mitológicas. A bela recuperação do poema épico de Homero, *A Odisséia*, na filosofia de Adorno e Horkheimer¹³, tem como fim estabelecer uma forma de autoridade; isto é, promovendo a crítica da razão instrumental, utiliza-se das mitologias para desfazer os equívocos da falsa consciência ou do irracionalismo. Com tudo o que existe de iluminação nos estudos dos filósofos da chamada Escola de Frankfurt (há estudos de Adorno ainda por serem lidos e compreendidos), a chamada dialética negativa proposta pela primeira geração da *teoria crítica* tende a enxergar os mitos apenas como uma forma de ilusão do espírito. Nesse sentido, Walter Benjamin¹⁴, catalogado apressadamente como expoente frankfurtiano, conseguiu avançar, em relação aos seus companheiros da teoria crítica, sugerindo que “não há um traço de civilização que não contenha também um traço de barbárie”, mas mostrou igualmente que as mensagens contidas nos pro-

duetos da comunicação – como alegorias – podem abrir as portas para o refinamento da percepção dos indivíduos.

Por outro viés, tomamos aqui as imagens dionisíacas (como imagens mitológicas), na medida em que nos permitem pensar a imaginação criadora em seu aspecto de devaneio, mas também como despertar, como surpresa, descoberta e aprendizagem do mundo.

As elevações e descidas de Dionísio têm um sentido metafórico, o deus desce às trevas para encontrar a luz. A sombra de Dionísio nos aparece como um vetor de esclarecimento para algumas questões aparentemente nubladas. A contemplação do mundo como *estesia* (sensação), a consciência trágica como afirmação da vida e a razão sensível como apreensão do real por meio do lúdico são passagens presentes no mito dionisíaco e nos instigam a decifrar o sentido da ficção televisiva de modo mais abrangente.

Em nosso estudo das telenovelas e ficções televisivas seriadas buscamos examinar a irradiação das tecnologias audiovisuais no imaginário coletivo (e vice-versa) e, no momento, examinamos a relação entre as mídias e as crianças.

Numa época em que a programação infanto-juvenil se expressa marcada pelos signos da violência, da força bruta e da velocidade, convém assinalar a importância de uma ficção seriada, que há décadas permanece encantando as crianças, jovens e adultos, ao mesmo tempo em que assegura e intensifica a

12. Num outro registro, encontramos as sugestões que definem o campo de uma “antropologia da comunicação visual”. Cf. CANEVACCI, M. *Antropologia da comunicação visual*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

13. ADORNO, T, HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

14. Podemos depreender tal premissa particularmente, a partir de uma leitura do conhecido texto sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas*. Arte, Técnica, Magia e Política. São Paulo: Brasiliense, vol. I., 1985. p. 222-232. _____, Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Brasiliense, vol. III, 1989.

dimensão pedagógica das mídias.

O mundo de ficção proposto pelo escritor Monteiro Lobato¹⁵, com todas as suas figuras de monstros e fadas, estimula marcantemente a imaginação das crianças, logo é pertinente tratar da série *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* neste estudo sobre a ficção televisiva brasileira, pois além de consistir em um produto de qualidade reconhecida no mercado internacional das imagens, serve como janela para contemplar aspectos da formação cultural brasileira.

As crianças são seres muito espontâneos e suas questões levam os adultos a pensar; mas são também seres extremamente narcisistas, que vêem o mundo como um prolongamento de si próprios. A contemplação do universo infantil nos remete às três idades do homem e às experiências da infância, juventude e maturidade. Elas vivem num universo imaginário bem particular.

A programação infantil é um espaço de projeções e identificações, em que os contos de fadas servem de encontro entre o mundo real e o mundo imaginário da infância.

Desde o hiperrealismo do cinema e principalmente da televisão, as mídias nos desafiam a compreender os novos estilos

das emoções coletivas das crianças. Elas permanecem fascinadas durante longas horas diante da televisão; ali, então, experimentam, simultaneamente, as sensações de prazer e de medo. Esta experiência nos leva a refletir sobre a face diurna e a face noturna da realidade à luz das ficções infantis; isto é, sobre os diferentes modos como as crianças, por meio das mídias, lidam com o princípio da realidade através das ficções televisivas¹⁶.

Sob os diferentes aspectos informativo, pedagógico e do divertimento, a mídia recorre às imagens que têm uma influência considerável junto às crianças. Existe um tipo de ligação perigosa entre os meios de comunicação, enquanto *Máquinas de Narciso*¹⁷, e as crianças que são, por definição, seres egocêntricos, no sentido de confundirem o mundo como se este fosse uma extensão deles mesmos. Por outro lado, os meios de comunicação são também *máquinas dionisíacas* (pois levam ao êxtase e a outras formas de percepção do real) e as crianças são – também – seres complexos (ao mesmo tempo, inocentes e egocêntricos). O outro lado da dimensão do *perigo* entre as mídias e as crianças consiste num tipo de acontecimento estimulante, no qual estão presentes, de modo misturado, as experiências de êxtase, desconfiança, suspeita e imaginação criadora. Este parece ser um aspecto positivo na relação entre as crianças e as mídias.

Na televisão brasileira, desde os anos

15. Podemos situar a literatura infantil de MONTEIRO LOBATO ao lado das obras dos Irmãos GRIMM e dos contos de C. ANDERSEN, como uma tradução do imaginário popular universal. Os seus livros são conhecidos no mundo inteiro, assim como os seus personagens. Ver LOBATO, Monteiro. *Obra Infantil Completa*. São Paulo: Brasiliense, [s.d.]. Sobre a biografia de LOBATO, consultar KOSHIYAMA, A. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

16. DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. *Op. cit.* O filósofo demonstra como as categorias de regimes diurno e noturno servem como estruturas que consolidam fortemente o imaginário coletivo.

17. O termo é utilizado no livro de SODRÉ, M. *Máquina de Narciso*. Rio: Achiamé, 1984.

70 até hoje, podemos assinalar a difusão do programa *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, cuja importância é inestimável. Esta importância deve-se ao fato de que este programa foi muito prestigiado pelo público infantil. Não se pode ignorar que as crianças o adoram. Além do mais, a programação infantil ocupa um lugar importante no debate entre psicólogos, sociólogos e pedagogos. Além da crítica ou das exaltações, do amor ou do ódio dos pais, dos professores, pesquisadores e profissionais de comunicação, o fato é que esta emissão permaneceu durante muito tempo na televisão para que possamos ignorá-la. Ela faz parte do universo da cultura televisual do Brasil.



Visconde de Sabugosa, o personagem intelectual do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

MONTEIRO LOBATO, ASTERIX E WALT DISNEY

Nos anos 70, a televisão realizou uma adaptação de *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, considerado um clássico na literatura infantil e que se insere no contexto da grande literatura universal. O seu universo é repleto de imagens oníricas, em que o sonho e o devaneio ocupam um lugar importante no processo que leva ao êxtase, não somente do público infantil, mas também dos adultos. Entretanto, a singularidade das narrativas de Monteiro Lobato reside em despertar os mitos e lendas que povoam o imaginário popular brasileiro¹⁸, numa perspectiva universal e cosmopolita. O cosmos está em cena, com toda a sua pluralidade de mundos. O mundo da natureza invade o mundo da cultura. O domínio da consciência é perturbado pelo inconsciente e toda a sua fauna de seres imaginários que conferem sentido ao mundo da vigília. *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, por meio de figuras oníricas e mitológicas, desperta os leitores e telespectadores para o resgate das experiências fundamentais que revigoram a imaginação criadora.

Os personagens de Monteiro Lobato possuem uma importância para o imaginário infanto-juvenil e popular, análogo à importância dos personagens de Asterix para os franceses e os personagens de Walt Disney para os americanos.

A obra e sua adaptação para a TV persistem como um produto que possui especificidade, difundindo o repertório mitopoético brasileiro.

18. Acerca de um repertório completo das lendas e mitos populares do Brasil, consultar CASCUDO, L. C. *Geografia dos mitos brasileiros*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1947.

O *Saci Pererê*, a *Iara* e a *Cuca* são alguns dos personagens mitológicos do imaginário popular, que animam as narrativas de Monteiro Lobato.

São habitantes das florestas, lagos e rios, são seres do interior e da profundidade que, transpostos para a televisão agregam os indivíduos em torno daquilo que lhes é familiar, próximo e cotidiano. Neste sentido, estes personagens mitológicos funcionam atualizando uma forma de experiência que se transmite de pai para filho, de geração a geração, afirmando um tipo de identidade, como nos revela Walter Benjamin¹⁹.

As narrativas de *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* despertam os telespectadores infantis pela identificação com os personagens que mobilizam as histórias, mas também seduzem os adultos porque tocam no emocional coletivo que mobiliza os indivíduos de todas as idades.

Os personagens de *Pedrinho e Narizinho* encarnam as crianças no aprendizado do mundo, eles funcionam como elos que criam redes junto à recepção infantil. *Dona Benta*, a dona do Sítio, a avó das crianças, representa a grande mãe natureza, significa a autoridade e a sabedoria. Tia Anastácia, uma negra exuberante e bondosa, é a cozinheira do sítio, que incorpora a ama de leite, presente no imaginário brasileiro marcado pela escravidão e pelo *hibridismo cultural*. O *Visconde de Sabugosa* é uma espiga de milho que virou intelectual, expressando uma fina iro-

nia à lógica convencional que ignora o conhecimento comum. O *Marquês de Rabicó* é um porquinho hilariante que remete a pensar sobre a parte animal, instintiva, ou antes, a dimensão pulsional da cultura; um estímulo fértil para conside-



Emília, a boneca de pano que encanta a todos.

ramos a alteridade da cultura fisgada pela racionalidade técnica. *Emília* é uma boneca que fala, como *Pinóquio*, mas tem a razão do grilo falante. É um personagem muito importante de Monteiro Lobato, pois instaura a dúvida, a curiosidade. No universo ficcional de *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Emília* é uma boneca de pano que representa o princípio da realidade pelo viés de uma imaginação criadora. A mistura destes personagens imaginários, fictícios e em carne e osso, partilhando um

19. BENJAMIN, W. *O narrador*. In: _____. *Obras Escolhidas*. Arte, Técnica, Magia e Política. São Paulo: Brasiliense, vol. 1, 1985.

universo encantado, torna importante a dimensão do sonho e do despertar em *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*.

A criatividade, o espírito crítico e a imaginação de Monteiro Lobato sensibilizaram de modo marcante o público; em sua narrativa, percebemos como o autor soube despertar paixões para além das fronteiras do tempo e espaço. As sensações dos personagens (de alegria, raiva, medo ou felicidade) foram partilhadas tanto pelos leitores das gerações dos anos 1920/30, quanto pelos telespectadores de todas as idades durante os anos 1970/80/90 e também no ano 2000.

O caráter dionisíaco desta ficção maravilhou o público. No vídeo, as crianças voam extasiadas após aspirar o pó de pir-lim-pim-pim (o que coincide com trechos da fábula de *Peter Pan*, recuperando os referenciais sensíveis dos paraísos artificiais); os seres humanos são transformados em sapos e outros bichos, o que remete ao mito das metamorfoses e transformações; em outras aventuras, Anastácia entra em transe amoroso, após ser fulminada pelas flechas de Cupido (a dimensão erótica e sensual, em sua banalidade e essencialidade, faz-se presente nos livros de Lobato, com discrição, sem alardes).

Os elementos presentes na trama do *Sítio* reconstroem os elementos da mitologia universal, inclusive aqueles da mitologia antiga.

Aliás, o autor é hábil também pela alquimia que mistura os personagens arquetípicos da mitologia universal com as len-

das e mitos do imaginário popular da sociedade brasileira dos anos 20/30. A adaptação da obra para a televisão foi bem sucedida também porque soube atualizar este recurso.

Apesar do exagero e da repetição das narrativas adaptadas para o vídeo, encontramos ali ingredientes que compõem um universo tipicamente dionisíaco à disposição das crianças. Mesmo que a transposição das narrativas literárias para a televisão passe por filtros, cortes e trucagens, há imagens persistentes que ultrapassam o crivo dos estereótipos e revelam o seu lado mais vibrante e dionisíaco.

EROS E PSIQUE NO JARDIM DA INFÂNCIA

Hoje, quando o sexo e a violência assolam as telas e redes do planeta (incluindo a Internet), parece cada vez mais pertinente colocar em discussão “as mídias como máquinas pedagógicas”. O mito dionisíaco, fio condutor do nosso trabalho sobre as culturas contemporâneas, colocando em perspectiva as telenovelas e ficções contemporâneas, abrange, de certo modo, uma psicologia das profundezas, o mundo do inconsciente e, no fim das contas, uma antropologia da comunicação, pois discute efetivamente as relações entre os indivíduos e as mídias. Assim sendo, toca no tema delicado do desejo das crianças. Remontando às idéias de Edgar Morin, tratamos também do vivo do sujeito ou, de modo mais apropriado, o vivo dos pequeninos. Este assunto é relevante, considerando as novas formas de tratamento da sexualidade no campo das mídias, os códigos de ética e de moralidade que permeiam a cultura urbana

contemporânea, assim como os dispositivos que regulam os discursos sobre a sexualidade em nossos dias.

Hoje, quando o cinema, a televisão e a Internet se propõem a mostrar tudo, é preciso tratar de assuntos difíceis com franqueza e naturalidade. Não dá para moralizar no que respeita a estas questões porque as crianças têm um faro muito aguçado para a hipocrisia e já vai longe o tempo em que os segredos dos adultos ficavam confinados nos quartos dos pais. A pedagogia inteligente alerta para a estratégia de não reprimir, mas de apostar na redescoberta de outras imagens, sons e letras, levando as crianças ao cuidado de si no uso dos prazeres.

É preciso prudência na exibição dos discursos e imagens sobre a sexualidade junto ao público infantil; primeiramente, porque os pequeninos não possuem maturidade suficiente para gerenciar as informações (e contra-informações) no que concerne às relações entre Eros e Tânatos; depois porque, numa época em que tudo se tornou visível e público, não dá para *tapar o sol com a peneira*; assim, é conveniente abrandar as informações sobre as questões mais complexas junto às crianças, sem utilizar os artifícios da mentira. E finalmente, considerando que a maior parte da programação da TV deriva de uma indústria cultural que, notadamente, mantém fascínio pela violência, *O Sítio do*

Pica-Pau Amarelo é importante na medida em que constrói as imagens do eros e da psique por meio do lúdico. Diferentemente da programação infantil convencional, centralizada na dimensão narcisista, fortemente competitiva, excludente e espetacular, trabalha com prudência a dimensão dos afetos, da sensibilidade e da curiosidade. Daí ter-se mantido durante décadas, em suas versões na literatura e no vídeo, educando, distraindo e despertando o público infanto-juvenil e adulto para as experiências fundamentais da estética, da poética e da catarse.

Os aspectos dionisíacos presentes nas visões (e revisões) de Monteiro Lobato, na literatura e na televisão, deslocam-se em meio às formas arbustivas, orgânicas e vitalistas (forças vitais). *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* consiste num tipo de paidéia²⁰ ou pedagogia midiática como máquina pedagógica, representando um diferencial no contexto midiático que se realiza sob o signo da *pornéia* (ou seja, a dimensão da pornografia). O pornô, evidentemente, possui a sua função em meio aos códigos de moralidade, ao processo civilizatório e às relações de sociabilidade. Entretanto, no que concerne à sensibilidade infantil, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* continua funcionando como um dispositivo de educação afetiva, erótica, sentimental e estética; aí reside a sua positividade.

20. Paidéia: termo grego para designar a formação do homem, sua cultura e conhecimento na e para a sociedade democrática. JAEGER, W. *Paidéia*. A formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (N. Ed.)

Resumo: Neste texto, de caráter ensaístico, busca-se examinar os produtos de comunicação como diversão e entretenimento, mas também como um dispositivo pedagógico. De modo específico, coloca-se em discussão a relação de curiosidade entre a mídia e as crianças. Oportunamente, recuperamos alguns trechos de uma pesquisa que engendrou uma tese de doutorado em Ciências Sociais, intitulada *As imagens dionisíacas no contexto da cultura de massa – uma interpretação estética da ficção televisiva brasileira*. A tese, defendida na Sorbonne, no inverno de 1995, teve a orientação do Prof. Michel Maffesoli. O presente texto propõe um debate sobre as relações intertextuais entre a literatura e a televisão; depois estimula uma reflexão sobre a ética e a estética da ficção televisiva e, finalmente, coloca em perspectiva a obra de Monteiro Lobato, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, adaptada para a televisão, e discute os problemas do encantamento, assédio e possível esclarecimento do público infanto-juvenil face à mídia eletrônica.

Palavras-Chave: comunicação, mitologias, ficção televisiva, Monteiro Lobato

(Ethics and aesthetics of child and juvenile programming)

Abstract: In this text, an essay in character, the author aims at examining the communication products that are not only dedicated to fun and entertainment, but that work as teaching devices. Specifically, a discussion is brought up around the curiosity relationship there is between the media and kids. We recover a few portions of a survey that engendered a doctoral thesis in Social Sciences entitled *As imagens dionisíacas no contexto da cultura de massa – uma interpretação estética da ficção televisiva brasileira* (Dionysiac images in the mass culture context – an aesthetic interpretation of the Brazilian television fiction). Prof. Michel Maffesoli was the advisor of the thesis, defended in Sorbonne in winter 1995. This article proposes a debate on the inter-textual relationships between literature and television, and then it stimulates a reflection on the ethics and aesthetics of the television fiction and, finally, it puts Monteiro Lobato's work, *O Sítio do Pica-Pau Amarelo* (The Yellow Woodpecker's Farm - adapted for television) into perspective and discusses the problems of enchantment, harassment, and possible clarification of the child and juvenile public when confronted with the electronic media.

Key words: communication, mythologies, television fiction, Monteiro Lobato